



Revista da

# Brigada Militar

ANO II - Nº 2 - MARÇO 2012

PUBLICAÇÃO  
ESPECIAL  
PARA O SEMINÁRIO  
INTERNACIONAL  
MULHERES E A  
SEGURANÇA PÚBLICA

## PIONEIRAS

CONQUISTAS  
QUE MARCAM  
A HISTÓRIA

PERFIL  
MULHER  
COMANDA  
40º BPM



Atuação feminina em  
CORPORAÇÕES MILITARES

Policiais  
EXALTAM A FARDA

Ex-comandante relembra  
INGRESSO DAS MULHERES NA BM



Brigada Militar

Secretaria da  
Segurança Pública

Revista da Brigada Militar  
Ano II - Nº 2 - Março de 2012  
Publicação especial com distribuição no  
*Seminário Internacional Mulheres e a Segurança  
Pública*

Governador do Estado do Rio Grande do Sul  
Tarso Genro

Secretário de Estado da Segurança Pública  
Airton Michels

Brigada Militar  
Comandante-Geral  
Cel. Sérgio Roberto de Abreu

Subcomandante-Geral  
Cel. Altair de Freitas Cunha

Chefe do Estado-Maior  
Cel. Valmor Araújo de Mello

**Produção e Revisão**  
Maj. Najara Santos da Silva  
Historiadora, Chefe do Museu da BM

Jornalista Jussara Pelissoli (RMT 6108)  
Assessora de Imprensa do Comando Ambiental da BM

A professora de Língua Portuguesa Irene Hack Tavares  
colaborou com a revisão

**Edição**  
Jornalista Jussara Pelissoli

**Fotografias**  
Arquivos do Museu da Brigada Militar e PM 5  
Arquivos pessoais da major Nádia Gerhard e das soldados  
Vânia de Nale, Roseane de Carvalho e Andressa Garcez

**Projeto Gráfico e Diagramação**  
Área Com Publicidade - Rubens Santos da Cunha

**Impressão**  
Gráfica Santa Rita

**Tiragem**  
1.000 exemplares

**Comando-Geral da Brigada Militar**  
Rua dos Andradas, 522 - Centro Histórico  
90.020-002 - Porto Alegre/RS  
51 3288 2700  
[www.brigadamilitar.rs.gov.br](http://www.brigadamilitar.rs.gov.br)

## Evolução das mulheres na Brigada Militar

Até a década de 80, o trabalho policial era visto como uma ocupação essencialmente masculina. Contudo, a evolução do papel das polícias militares na sociedade e o movimento em direção à abertura para atividades secularmente desempenhadas por homens, trouxeram à tona a discussão sobre a presença de mulheres nas instituições policiais. Aliado a isso, havia o desejo delas de se tornarem donas de seus destinos, buscando estabilidade no mundo do trabalho. Associado a um momento de transformações no ofício de polícia e às novas concepções de segurança pública, criam-se as condições necessárias para que as mulheres passem a ocupar seu espaço nas forças policiais.

No Estado do Rio Grande do Sul, em 08 de janeiro de 1985, foi promulgada a Lei nº 7.977, que criou a Companhia de Polícia Militar Feminina (Cia PM Fem) para emprego exclusivamente na atividade-fim da Corporação.

O posto máximo permitido a uma mulher nos quadros da Brigada Militar era o de capitão e a única possibilidade de acesso era o concurso público. O nível de escolaridade exigido para as mulheres era mais alto do que o requisitado para os homens: graduação superior completa para as candidatas a oficial, curso de 2º grau completo para candidatas a sargento e 1º grau completo para soldado; exigências estas que, após alguns anos, foram equiparadas, não havendo mais diferença de pré-requisitos entre os sexos.

No ano de 1986, mais precisamente em 17 de fevereiro, ingressou na Academia de Polícia Militar a primeira turma composta por 10 mulheres que, no ano seguinte, integrariam a Cia PM Fem, inicialmente localizada no quartel do 9º BPM, com a função de exercer atividades identificadas com o universo feminino.

Observa-se que a Brigada Militar busca adequar-se às transformações pelas quais passa a sociedade contemporânea, atendendo às novas concepções de transversalidade e reconhecendo o brilhante papel desempenhado pelas mulheres na instituição policial militar.

**Cel. Altair de Freitas Cunha**  
**Subcomandante-Geral da Brigada Militar**

# A presença feminina NA BRIGADA MILITAR

**A**o longo do desenvolvimento da humanidade, as mulheres sempre acompanharam as evoluções em todas as áreas, principalmente na busca pela igualdade de direitos e pela realização no campo profissional.

Com as forças policiais não foi diferente. Além de cuidarem da casa, da família e de trabalharem em diversas outras funções, onde já existia a presença feminina, as mulheres queriam e podiam fazer mais. Os primeiros registros do seu emprego no meio policial datam de 1910, quando foram admitidas no Departamento de Polícia de Los Angeles. Apesar de ser visto com certa desconfiança, o policiamento feminino logo se expandiu para outras cidades e Estados americanos. Elas passaram a ter o mesmo treinamento que os colegas homens e a concorrer às promoções com critérios iguais.

No Brasil e na América Latina, o Estado de São Paulo foi pioneiro na inserção feminina, no ano de 1955, porém a época em que se concentraram os processos de inclusão das mulheres nas polícias militares foi na década de 80. Neste

período, a Brigada Militar também acompanhou as novas tendências na busca por uma polícia diferenciada e abriu suas portas às mulheres.

A história da presença feminina nos quadros militares da BM iniciou em fevereiro de 1986, com o ingresso da primeira turma que frequentou o Curso de Habilitação de Oficiais Femininos. As primeiras sargentos se formaram em julho e as soldados, em setembro do mesmo ano. No entanto, antes disso, a Corporação já contava com o importante trabalho das mulheres no quadro de servidores civis, mantido até hoje.

Além da presença feminina nas fileiras da Instituição, não podemos deixar de destacar o papel das mulheres que dão suporte aos policiais militares, nos bastidores do dia-a-dia, sendo o porto seguro desses valorosos brigadianos, que expõem suas vidas a riscos constantes. De fato, essa função é de relevo, desde o surgimento de nossa Corporação.

O ano de 2011 foi marcante para as brigadianas, pois comemorou-se o 25º aniversário de inclusão da primeira turma de oficiais femininas, além da promoção ao posto de tenente-coronel de quatro dessas oficiais, fato inédito na Brigada Militar. Esse



acontecimento demonstra que a abertura de espaço às mulheres só agregou benefícios, sendo tão bem sucedida que um número expressivo dessas policiais, atualmente, exerce funções em locais estratégicos para o comando da Corporação.

O ano de 2012 também se reveste de grande importância para todas as policiais militares, uma vez que, numa atitude pioneira e inovadora, o Governo do Estado do Rio Grande do Sul realiza o *Seminário Internacional Mulheres e a Segurança Pública*, objetivando analisar o protagonismo feminino nos serviços de segurança, quer como agente, sujeito ou destinatário das ações de políticas públicas voltadas à mulher.

A todas as mulheres da família Brigada Militar, os cumprimentos do comando da Corporação pelo brilhantismo com que desempenham suas atividades.

**Cel. Sérgio Roberto de Abreu  
Comandante-Geral da Brigada Militar**

# Mulheres NAS POLÍCIAS MILITARES



*Presença feminina em corporações militares vem desde 1885*

**Major Najara Santos da Silva**  
*Historiadora, Chefe do Museu da Brigada Militar*

**A** atuação feminina em atividades essencialmente masculinas, bem como a conquista de direitos exclusivos dos homens, é muito recente em nossa historiografia. Nesse sentido, a admissão das mulheres nas corporações policiais militares é incipiente.

Embora existam registros sobre o emprego de mulheres na guarda das carceragens femininas do Departamento de Polícia de Chicago, EUA, em 1885, somente em 1893 Mary Owens, que atuava em casos envolvendo mulheres e crianças, tornou-se a primeira policial a receber poder de prisão. Dois anos depois, Lola Baldwin recebeu poderes de polícia e assumiu o comando de um grupo de assistentes sociais. Em 1910, Alice Stebbin Wells foi contratada pelo Departamento de Polícia de Los Angeles com plenos poderes de polícia.

Com a crise econômica de 1929 muitos homens perderam seus empregos e as mulheres, para sustentar suas famílias, foram trabalhar nas indústrias têxteis e nos departamentos de polícia. Com a II Guerra Mundial, entre 1939 e 1945, mais mulheres foram contratadas por esses departamentos. A partir de 1968, as primeiras mulheres fardadas começaram a realizar patrulhamento motorizado em Indianápolis. Posteriormente, seria possível encontrá-las atuando em várias cidades norte-americanas. Finalmente, em 1985, ocorreu a nomeação de Penny Harrington como a primeira chefe de polícia na cidade de Portland, em Oregon.

Na Europa, em 1914, uma associação de mulheres sugeriu a formação de uma força policial feminina para controlar o comportamento de jovens. Duas mil mulheres foram formadas, circulando, todas as noites, nos parques e cinemas para evitar atos de imoralidade. O recrutamento feminino ocorreu em decorrência da eclosão da I Guerra Mundial, quando os homens foram para os campos de batalha. Assim, em 1915, foi formado o Women Police Volunteers (WPS) e a cidade de Grantham, em Lincolnshire, na Inglaterra, foi a primeira cidade a contar com policiais femininas. No ano seguinte, foram empregadas na investigação do consumo de drogas em uma base naval. Em 1918, atuavam

em várias cidades da Inglaterra. Em muitos casos, não tinham plenos poderes de polícia e não podiam fazer prisões.

Em Israel, as mulheres começaram a trabalhar como policiais em 1960. Em menos de 10 anos, 500 mulheres do exército foram transferidas para uma unidade especial, responsável pelo patrulhamento nas principais rodovias e fronteiras do País. Na França, as mulheres ingressaram na polícia em 1934, desempenhando atividades voltadas para crianças em situações de risco ou realizando patrulhamento nas ruas. A partir de 1982, passaram a ser recrutadas em condições de igualdade com os homens. Atualmente, enquanto alguns países estabelecem percentuais para o ingresso de mulheres em suas forças policiais, a Alemanha possui um índice que oscila entre 40 e 50%.

*Cabo Toco (dir.) foi a primeira mulher a usar farda na BM*



## No Brasil

No Brasil, a ideia de empregar mulheres em missões policiais surgiu em 1953, durante o 1º Congresso Brasileiro de Medicina Legal e Criminologia, quando Hilda Macedo, assistente da cadeira de criminologia da Escola de Polícia, apresentou sua tese sobre a necessidade de criação de uma polícia feminina, afirmando que as mulheres eram tão competentes quanto os homens para realizar atividades policiais. Em consequência, em janeiro de 1955, o governo de São Paulo solicitou estudo para a criação de uma polícia feminina e, em 12 de maio, foi assinado o decreto de criação do Corpo de Policiamento Especial Feminino, vinculado à Guarda Civil de São Paulo. Com a seleção de 12 mulheres para um curso intensivo de 180 dias na Escola de Polícia, São Paulo foi pioneiro em toda a América Latina ao admitir mulheres na Polícia Militar, servindo de modelo para a criação de contingentes femininos nas polícias militares de todo o País e nas Forças Armadas. Hilda Macedo foi a primeira mulher comandante de tropa em uma força policial militar. Inicialmente, essas mulheres trabalhavam nos juizados de menores, rodoviária e aeroportos. As policiais, que atuavam sempre em duplas, eram carinhosamente chamadas de "Marta e Maria". Com o passar do tempo, o efetivo foi ampliado, constituindo-se em um batalhão.

No Paraná, a Polícia Feminina foi criada em 1977. O primeiro curso iniciou com 42 voluntárias, mas somente 27 concluíram a formação.



*Tenentes e sargentos das primeiras turmas da Brigada Militar, em 1987*

Em 1979, iniciou o primeiro Curso de Formação de Oficiais, concluído por cinco mulheres, em 1981. Em 1979 e 81, foram formadas as duas primeiras turmas de soldados e, em 1980, ocorreu a formação das cabos. As policiais atuavam, principalmente, na proteção de menores, mulheres e anciãos. Mais tarde, passaram a realizar policiamento de trânsito e, pouco depois, em todos os setores operacionais e administrativos daquela Polícia. A Companhia de Polícia Feminina foi constituída em junho de 1984 e, a partir daí, outras unidades foram criadas no interior. Em 1992, porém, a Companhia foi dissolvida e seu efetivo distribuído nas unidades da Corporação. O Quadro Especial de Policial Feminina do Paraná foi extinto em novembro de 2000.

O Brasil vivia um período de transição política e cultural, que se estendeu de 1979 a 85, quando diversos segmentos da sociedade passaram a lutar pela democracia. No

início dos anos 80, a imagem das instituições policiais estava bastante desgastada e precisava ser redimensionada. Valores como inteligência e a capacidade para resolução de conflitos passaram a compor o perfil profissional do agente de segurança pública, que deixava de ser um mero aplicador da força física. O policial truculento e dissociado da realidade não condizia com as necessidades do mundo contemporâneo e com o momento pós-ditadura. A partir daí, verificamos uma intensificação do ingresso das mulheres nas instituições policiais militares.

Em novembro de 1981, foi criada a Companhia de Polícia Feminina e, no ano seguinte, a Polícia Militar do Rio de Janeiro recebia sua primeira turma, formada por 150 mulheres que ingressaram como soldados. Em 1983, 14 cadetes ingressaram na Escola de Formação de Oficiais. Inicialmente, foram empregadas no policiamento

de trânsito e no trato com as mulheres, crianças e adolescentes. Em 1991, a Companhia foi extinta e suas policiais foram distribuídas nos diversos batalhões da Polícia Militar. Dois anos mais tarde, os quadros de oficiais foram unificados, assegurando a igualdade nas promoções.

Foi durante o governo do general João Batista de Figueiredo que ocorreu a edição de Decreto-Lei, estabelecendo que os Estados, Territórios e o Distrito Federal poderiam admitir o ingresso de mulheres em seus efetivos, para atender necessidades de suas corporações.

Em agosto de 2003, a coronel Angelina dos Santos Correia Ramires assumiu o comando-geral da PM de Rondônia, tornando-se a primeira mulher a ocupar tal cargo no País. Por mais de oito anos ela comandou cerca de cinco mil integrantes daquela Corporação.

No período de março a dezembro de 2006, a coronel Fátima Ramos Dutra chefiou a Casa Militar de São Paulo, provocando o descontentamento dos coronéis masculinos, uma vez que os quadros ainda eram separados naquele Estado. Somente em 2011, ocorreu essa unificação.

A primeira mulher a comandar uma tropa masculina no Brasil foi a coronel Luciene Magalhães de Albuquerque, que, em 1992, assumiu o comando do 34º Batalhão de Polícia Militar de Minas Gerais, onde permaneceu por três anos.

A atividade policial militar, considerada essencialmente masculina, sofreu mudanças. As mulheres romperam barreiras, ultrapassaram limites e conquistaram igualdade de condições com os homens.



*Policiais femininas têm ampla atuação nos diversos segmentos da BM*

## As Mulheres na Brigada Militar

A Brigada Militar, que só possuía servidoras civis em atividades administrativas e de serviços gerais, às vésperas de seu sesquicentenário passou a pensar na criação de um segmento feminino. Após um estudo, a história da Polícia Feminina no Rio Grande do Sul teve início com a Lei Estadual nº 7.977, de 08 de janeiro de 1985, que criava a Companhia de Polícia Militar Feminina (Cia PM Fem), com efetivo de 135 policiais.

As primeiras mulheres ingressaram na Corporação em 17 de fevereiro de 1986 para frequentar, na Academia de Polícia Militar (APM), o Curso de

Habilitação de Oficiais Femininos. No dia 10 de setembro de 1986, teve início o Curso de Formação de Sargentos e, em seguida, o Curso de Formação de Soldados.

As oficiais se formaram em 24 de julho de 1987. Em 31 de julho do mesmo ano, ocorreu a formatura das sargentos e em 25 de setembro, a formatura das soldados. Na formatura, enquanto as oficiais homenagearam Anita Garibaldi, as soldados fizeram homenagem à primeira mulher a ostentar uma farda e lutar nas linhas de frente da Instituição, em 1923: Olmira Leal de Oliveira, conhecida como Cabo Toco.

Em 25 de setembro de 1987, ocorreu a instalação da Cia PM Fem e incorporação ao 9º BPM, iniciando

sua atividade sistemática de policiamento ostensivo em Porto Alegre, em eventos especiais na capital e no interior e na Operação Golfinho. A Companhia foi desincorporada do 9º BPM em 05 de fevereiro de 1989, indo para sua sede própria. Logo em seguida, em junho de 1988, foi criada a 2ª Cia PM Fem.

A primeira turma de cabos concluiu seu curso de formação em 16 de janeiro de 1989. Em dezembro daquele ano, foi criada a 3ª Cia PM Fem, com estrutura totalmente distinta das demais. Enquanto o comando e um pelotão foram instalados em Novo Hamburgo, os outros pelotões foram destacados no interior do Estado: Caxias do Sul, Santa Maria, Passo Fundo, Pelotas, Rio Grande e Santana do Livramento. Tal estrutura era operacionalmente inviável, pois suas subunidades estavam instaladas em diferentes comandos de área. Por esse motivo, a Companhia foi extinta nove meses depois e seus pelotões ficaram subordinados às unidades existentes naquelas localidades. Até 1991, a 1ª Cia PM Fem foi comandada por oficiais masculinos e, depois, o comando passou a ser exercido pelas oficiais.

Assim como nos outros Estados, as policiais militares atuaram, inicialmente, junto ao público feminino, idosos e crianças; no policiamento na rodoviária, aeroporto e escolas; em atividades de trânsito; em shows e eventos esportivos. Mais tarde, passaram a ser empregadas junto ao Centro de Operações Policiais Militares (COPoM) e em estabelecimentos penais.

Buscando o intercâmbio profissional, a Polícia Feminina da BM

promoveu, em outubro de 1991, o I Encontro de Policiais Militares Femininas do Brasil, que reuniu representantes de 15 Estados, além do Rio Grande do Sul. O encontro possibilitou a troca de informações e experiências, mostrando obstáculos e conquistas das policiais e o emprego do efetivo. Naquele mesmo mês, a polícia feminina recebeu o Prêmio Volvo de Segurança no Trânsito com o projeto do teatro de fantoches, idealizado e coordenado pela tenente Carmen Isabel Andreola, que promovia educação para o trânsito junto à comunidade.

O rumo da história da Polícia Militar Feminina passou por uma grande mudança em 1993, quando suas duas companhias foram incorporadas aos 1º, 9º e 11º BPMs. A partir daí, homens e mulheres passaram a desempenhar as mesmas funções, apenas integrando quadros diferentes. Finalmente, seguindo a tendência, em 1997

ocorreu a unificação dos quadros, oportunizando atuação ampla nos diversos espaços da Corporação. Nesse sentido, as policiais passaram a atuar em parceria com o efetivo masculino, desde a sua formação.

Mas nem tudo foram flores na história dessas mulheres. Em 21 de dezembro de 2001, a Corporação perdeu a soldado Carina Rodrigues Macedo, executada durante assalto em um ônibus na capital. Carina era filha e neta de brigadianos e amava a Brigada Militar.

Treinadas para serem fortes e corajosas em situações adversas, as policiais militares continuam ampliando seus horizontes e buscando especialização. A promoção das quatro primeiras tenentes-coronéis, depois de 25 anos de serviços prestados à Corporação e à comunidade sul-rio-grandense, foi mais um marco na história da polícia militar feminina gaúcha, em 2011.

*Cada vez mais, as mulheres desempenham funções antes exercidas somente por homens, com muita competência, sem perder a ternura*



# Conquistas

## QUE MARCAM A HISTÓRIA

*Jussara Pelissoli*

**F**azer parte da Brigada Militar é uma experiência que se confunde com minha existência, pois aos 46 anos, recentemente na reserva, aprendi muito, ensinei muito e, mais do que isso, vivi intensamente, pois a cada ocorrência, a cada salvamento, a cada contato com a comunidade renovava meu espírito, minha alma e o desejo de sempre salvar, salvar, salvar.

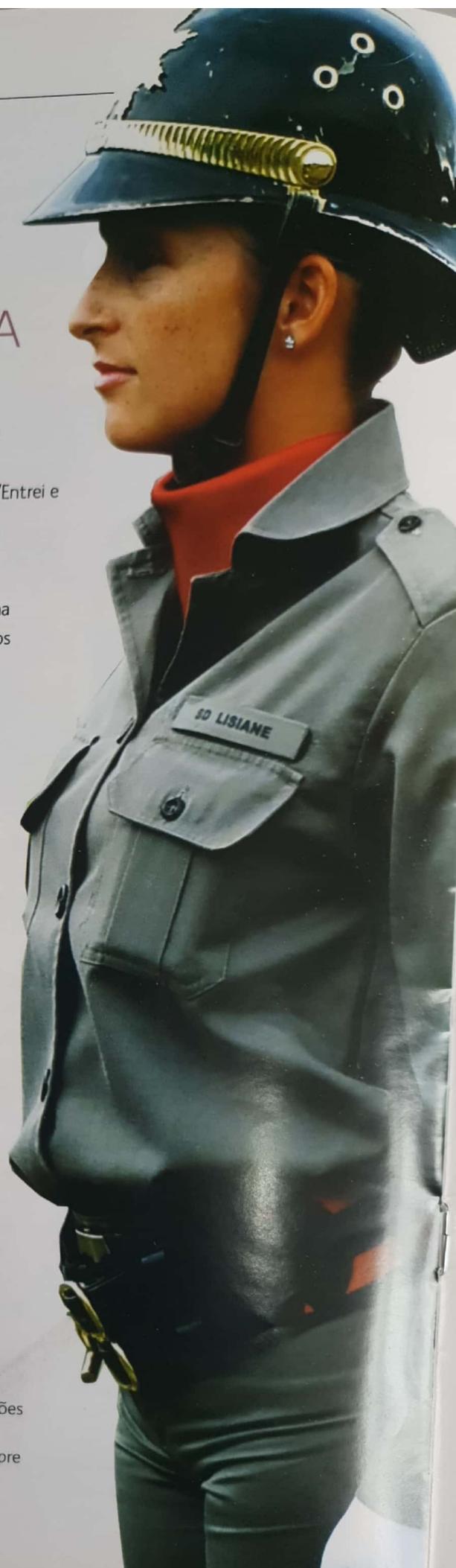
A declaração entusiasmada da major Maria Jaqueline da Costa Machado retrata o pensamento daquelas mulheres que vestem a farda pela convicção de que a segurança pública é uma área que precisa contar com a sensibilidade feminina para resultados de excelência no trabalho da polícia militar.

A major Jaqueline, por influência do pai, hoje coronel da reserva, ingressou na Brigada Militar (BM) em 1989 e em 97 foi a primeira oficiala a realizar o Curso de Especialização em Bombeiros para Oficiais (CEBO). "Quando fiz o curso de Formação de Oficiais Femininos na Academia de Polícia Militar não havia previsão de mulheres no Corpo de Bombeiros, assim não vimos conteúdos dessa área. Já no policiamento ostensivo, argumentei muito com meu comandante do 9º Batalhão de Polícia Militar (BPM) e junto ao comando da Escola de Bombeiros para poder realizar o Estágio Básico de Socorrista. Foi amor à primeira vista com o Corpo de

Bombeiros e a partir dali sabia que queria entrar nesta unidade", lembra a oficiala. "Entre e a cada ocorrência me sentia recompensada por todo o sacrifício físico e emocional. Hoje me alegro por tal façanha e também por ver a mulher nos Bombeiros", acrescenta.

Já a sargento Viviane Merkel Soriano, também filha de brigadiano, integrou a primeira turma feminina do Batalhão de Operações Especiais (BOE), junto com outras sete mulheres, em abril de 1995. "Nossa inclusão foi um acontecimento importante e para conquistarmos nosso espaço tivemos que passar por dolorosas provas físicas e psicológicas, mas a maior de todas foi a resistência masculina no Batalhão", diz a sargento. "A experiência foi gratificante, pois nos fortaleceu e me possibilitou crescimento profissional e pessoal, além de abrir as portas para dezenas de policiais femininas ingressarem nos batalhões especiais", comemora Viviane.

A soldado Vânia de Nale sempre admirou a atividade de bombeiro,



mas quando entrou para a Brigada Militar, em 1993, só havia vagas para o policiamento. Por sua vez, a soldado Eliane Buligon, sem planejamento prévio, tomou-se a primeira soldado a desempenhar atividades no Corpo de Bombeiros, em 1998, logo após sua inclusão na BM. Vânia, no entanto, não abandonou a preferência e em 2000 teve a oportunidade de participar da seleção para atuar como salva-vidas. "Passei a treinar, nadando duas vezes por semana e correndo 14 quilômetros três dias na semana, pois sabia que não seria fácil a disputa. Superei o teste e o treinamento com tranquilidade, pois estava bem preparada e sabia o que queria", relembra Vânia. Na Operação Golfinho de 2000/2001 Vânia e Eliane foram as duas primeiras mulheres a vestir a camiseta de salva-vidas da Corporação. "Estar no alto de uma guarita, transmitindo segurança aos veranistas, foi uma experiência gratificante, pois nada é mais satisfatório do que a sensação de poder salvar uma vida", declara a soldado Eliane, ainda trabalhando no Corpo de Bombeiros. "Cada salvamento feito é uma vitória, pois uma vida salva é uma família que continua completa, unida", exclama Vânia, que hoje atua no Comando Ambiental, protegendo outras formas de vida em favor do Planeta. Obter o segundo lugar ao final do curso de mergulho do Corpo de Bombeiros, em maio de 2008, depois de ter conquistado uma das 20 vagas disputadas por 54 inscritos, foi a glória para a soldado Roseane Vera Miltz de Carvalho. Fascinada pela farda desde criança, ao ingressar na BM, em 2005, ela optou por ser bombeira. Apesar de nunca ter



*Polícia ambiental também conta com o trabalho feminino*

praticado mergulho, depois de três anos no Corpo de Bombeiros, resolveu enfrentar o desafio de exercer a profissão sob as águas. "Ouvia de alguns colegas que jamais uma mulher seria mergulhadora pelas dificuldades do curso e do trabalho. O desafio foi justamente minha maior motivação", conta a destemida soldado. "As histórias de mergulho que os veteranos contavam sempre me fascinaram e hoje me sinto orgulhosa de fazer parte dessas histórias e de ser uma das duas mergulhadoras da Brigada Militar", destaca. Outra policial militar habilitada para mergulho é a soldado Vânia de Nale, que não exerce rotineiramente a função, mas pode ser chamada em caso de necessidade.

Em 2006 foi a vez de a mulher passar a atuar no Batalhão de Polícia Rodoviária (BPRv). A pioneira foi a soldado Cátia Rosane Silva Rocha. Ela decidiu ser policial militar por influência de uma amiga, que sempre tecia elogios à Corporação, e ingressar

no BPRv foi um desafio para "mudar a ideia de que não poderia haver mulher no policiamento rodoviário."

Sobre duas rodas é realizado o trabalho das soldados Adressa Mingola Garcez e Laura Macedo Martinez. Elas são as únicas mulheres da Ronda Ostensiva com Apoio de Motocicletas (ROCAM) do 9º BPM, em Porto Alegre. Ambas já eram motociclistas e resolveram aliar essa paixão ao trabalho há pouco mais de dois anos, quando ingressaram na Corporação.



*Soldado Laura Martinez é uma das motociclistas da ROCAM*

## HÁ CINCO ANOS, BATALHÃO É COMANDADO por uma mulher

**Major Najara Santos da Silva**  
Historiadora, Chefe do Museu  
da Brigada Militar

*A major Nádia Rodrigues Silveira Gerhard foi a primeira policial militar na Brigada Militar a assumir o comando de um batalhão. Desde janeiro de 2007, ela comanda o 40º BPM, com sede em Estrela e subunidades em dez municípios do Vale do Taquari. A oficiala fala dos momentos marcantes na carreira, destacando os reflexos na sua vida, na Corporação e no Estado.*

**REVISTA** - Quando a senhora decidiu seguir essa profissão e por quê?

**Maj. Nádia** - Nasci e me criei em uma família brigadiana (pai, avô, tios, primos). Brincava no campo da Academia de Polícia Militar, comia no rancho da antiga subsistência da BM. Fui mascote da turma de Aspirantes de 1974. Filha única do casal formado por uma professora e um brigadiano, cursei Magistério e fiz faculdade de Letras na PUCRS. Ao final de 1985, surgiu a oportunidade de ser oficial da BM, através de concurso público. Não tive dúvidas, inscrevi-me e corri atrás da aprovação. Sempre gostei dos trabalhos inéditos, das relações humanas, do gerenciamento de crises. Vejo a carreira militar para as mulheres como um grande desafio, uma oportunidade única, singular em todos os sentidos e apaixonante. Estou realizadíssima!

**REVISTA** - Pode destacar algum momento marcante na sua carreira?

**Maj. Nádia** - A designação para ser a primeira mulher comandante de um batalhão da BM, fato inédito no Rio Grande do Sul, um Estado tido como machista, em uma instituição, à época, com quase 170 anos. Minha assunção ao comando do 40º BPM foi recheada de significados:

1) para as mulheres gaúchas - a representação feminina em um cargo de chefia, anteriormente ocupado somente por homens; a prova de que somos capazes e competentes.

2) para o Estado - uma inovação, uma atualização em seus cargos, uma vez que outras polícias militares já possuem mulheres coronéis no serviço ativo e na reserva remunerada.

3) para a BM - um novo paradigma, pois, em um primeiro momento, pareceu uma decisão ousada, agregada à incerteza de como seria. Passado o primeiro ano, pelos resultados obtidos, veio a certeza de que a mulher pode desempenhar funções de comando e chefia.

4) para os comandados homens - maior respeito à figura feminina, através do comando realizado em parceria, com polidez e firmeza.

5) para as comandadas mulheres - o exemplo de que, com postura e legitimidade, podemos chegar onde queremos.

6) para mim - um desafio em que eu não poderia falhar, orgulho por poder representar as mulheres gaúchas e ser referencial em nossa Instituição.

**REVISTA** - Quais as maiores dificuldades enfrentadas ao longo de sua vida funcional?



**Maj. Nádia** - A dupla e, às vezes, tripla jornada que a mulher tem que enfrentar. O dever de fazer sempre o melhor, além do esperado, por ser mulher. A fusão dos quadros masculinos e femininos dos oficiais da BM, há mais de quatorze anos, pois tivemos que brigar por nossos direitos, apesar dos deveres serem todos iguais.

**REVISTA** - Em quais aspectos a presença feminina contribui para a Instituição?

**Maj. Nádia** - No momento em que a Instituição teve que repensar sua condição de órgão responsável pela preservação da ordem pública, entendeu que não possuía apenas um papel repressor. Tinha que trabalhar com a prevenção primária, integrando-se à comunidade para melhor compreender as causas de suas mazelas, ter continuidade e ser considerada importante e insubstituível, através do emprego adequado da sua mais preciosa ferramenta: as pessoas que dão vida à amada Brigada Militar. Aí, a mulher teve papel fundamental, visto suas características marcantes de organização e condução dos trabalhos, em nível de execução e no desempenho do comando. É nítido o diferencial da liderança feminina quando provocada por um cargo, pois não nos colocamos no topo, mas no centro das atividades.

## Avanço na carreira das policiais

A tenente-coronel Ana Maria Haas, depois de 26 anos de carreira, chegou a esse posto em abril de 2011, junto com outras três policiais militares. A oficiala lembra de seu ingresso na Brigada e avalia a evolução da carreira das mulheres na Corporação.



"Meu ingresso na carreira militar se deu por duas razões especiais. Primeiro, por ser uma coisa inédita no Estado. A segunda, que pesou bastante, é que eu sempre gostei de ajudar as pessoas e pensei que na Brigada Militar eu teria essa possibilidade. Eu era desportista, fazia educação física e pensava que tinha boas condições para desempenhar o trabalho nesta carreira, que, até então, era desconhecida para mim, pois o contato que eu tinha era apenas de ver os policiais na rua, já que não tenho brigadianos na família. Mesmo assim, meus pais e irmãos me deram força na opção que fiz, pois sempre gostei de desafios e eles viram na minha escolha a possibilidade de realização.

A evolução da carreira das policiais na Corporação é uma conquista de todas as mulheres: das que ainda estão na ativa, das que já foram para a reserva e até daquelas que, no decorrer do caminho, optaram por seguir outra carreira. Eu vejo isso como uma vitória, uma conquista. Espero que as mulheres da Brigada saibam o valor que isso tem, o quanto de responsabilidade existe nisso, porque esta construção não é só das oficialas que chegaram a tenentes-coronéis no ano passado. Essa construção vem desde a formatura da primeira turma há 25 anos, quando se começou com um embriãozinho, que foi a primeira Companhia Feminina, passou pelo trabalho ao lado dos homens dos batalhões e culminou com a promoção de quatro tenentes-coronéis, em 2011. Esse avanço na carreira é um reconhecimento à dedicação, ao trabalho profissional das mulheres que, quase sempre, têm dupla jornada, pois cuidam da casa, são mães, e têm outras atividades, como estudar. Tudo isso foi coroadado."

## Para mim, a farda é...

"Ética, compromisso, dedicação e a oportunidade de fazer um mundo melhor e mais seguro para todos." *Major Nádia Rodrigues Silveira Gerhard, comandante do 40º BPM.*

"A minha primeira pele, em muitos momentos, pois poucos tiveram a oportunidade, como eu, de ter a vida em risco para salvar alguém que estava em perigo. Muitos momentos me vêm na mente e na grande maioria deles não pensei na minha vida e sim na vida daqueles que depositaram em mim a confiança e a esperança de ter a proteção esperada." *Major Maria Jaqueline da Costa Machado, primeira oficiala a ingressar no Corpo de Bombeiros, atualmente na reserva.*

"Uma segunda pele que não se despe, mas que se incorpora a um espírito de valores e ideais a serem seguidos." *Sargento Vivane Merkel Soriano, integrante da primeira turma de mulheres no Batalhão de Operações Especiais (BOE).*

"Meu uniforme de trabalho." *Soldado Eliane Buligon, primeira soldado do Corpo de Bombeiros.*

"Um enorme respeito, já que o policial é conhecedor das leis, obrigações e deveres. Orgulha-me muito vesti-la e dizer que quando as pessoas chegam até nós sabem que poderão contar com nossa ajuda, muitas vezes, na solução dos seus problemas e dilemas, pois, para muitos, somos a segurança, a proteção, verdadeiros anjos da guarda." *Soldado Vânia M. de Nale, uma das primeiras mulheres salva-vidas da BM.*

"Orgulho, paixão, amor, dedicação e doação." *Soldado Roseane Vera Miltz de Carvalho, uma das duas mergulhadoras da Corporação.*

"Não só um instrumento de trabalho, mas um orgulho, um troféu conquistado com muito esforço e dedicação." *Soldado Andressa Mingola Garcez, uma das duas motociclistas da Ronda Ostensiva com Apoio de Motocicletas (ROCAM) do 9º BPM.*

"Realização profissional e independência financeira." *Soldado Laura Macedo Martinez, motociclista da ROCAM.*

"Uma forma de mediar injustiças." *Soldado Cátia Rosane Silva Rocha, pioneira no Batalhão Rodoviário.*

## EX-COMANDANTE RELEMBRA PROCESSO PARA inclusão de mulheres na BM

**Jussara Pelissoli**

*O coronel reformado Jerônimo Carlos Santos Braga era o comandante-geral da Brigada Militar (BM), em 1987, quando ocorreram as formaturas das três primeiras turmas de policiais femininas. Ele relembra os acontecimentos para a inclusão de mulheres na Corporação.*

**REVISTA** - Como se deu o processo para o ingresso de mulheres na BM, que culminou com a lei estadual, criando a Companhia de Polícia Militar Feminina, em janeiro de 1985?

**Cel. Jerônimo** - Durante 1984, fortemente a pressão social e da mídia, mais o interesse do governador Jair Soares, é que levou à criação da Companhia Feminina. Como na época estava na Chefia do Centro de Suprimento e Manutenção de Material de Intendência não tive acesso às ações do Estado-Maior da Brigada Militar (EMBM), no entanto sei que foram realizadas diversas pesquisas junto às demais PMs, inclusive algumas visitas, especialmente em São Paulo.

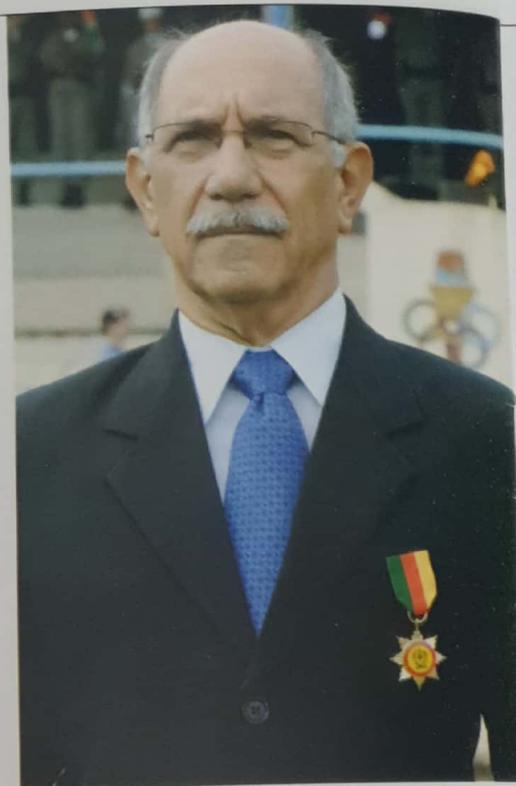
**REVISTA** - A decisão de abrir a Corporação para o trabalho de policiais femininas foi do EMBM ou uma determinação do governador do Estado?

**Cel. Jerônimo** - Creio que a

*decisão tenha sido mesmo governamental e acontecida ao final de 1984, originando a Lei de 85, e todo o trabalho sobre o tema foi desenvolvido pelo EMBM. Das reuniões que participei, presentes estavam todos os integrantes do EM e os chefes de Seções. Essas condições e fatos que pareceram atrasar o ingresso feminino na Corporação em nada denigrem a imagem da oficialidade, ao contrário, demonstram o zelo e a preocupação resultantes do cadinho cultural que recebido como herança, vivíamos todos nós. Em meu comando (março/87 a março/90) as instruções emanadas pelo EMBM previam o emprego estratégico da PM Fem como unidade de intervenção e ação em eventos especiais e locais previamente determinados, onde a presença da policial feminina significava uma nova era institucional e um novo valor da Corporação.*

**REVISTA** - Em termos de Instituição, que tipo de adaptação teve que ocorrer para conciliar a presença de mulheres em um ambiente de trabalho exclusivamente masculino, até então?

**Cel. Jerônimo** - Em face de nossas tradições, onde o homem é o chefe natural, o que tem a responsabilidade da condução dos processos mais dignos e complexos, como dirigir, decidir e comandar, os componentes da oficialidade traziam consigo,



*naturalmente, tais valores e melhor que eu, qualquer sociólogo pode definir esses sentimentos tão arraigados em nossa cultura, especialmente entre os oficiais. Lembro que em 1986, os alunos do curso de Relações Públicas da FAMECOS (PUCRS) realizaram uma pesquisa na Corporação sobre a aceitação e expectativas da participação da mulher no policiamento. O resultado mostrou que a maioria dos oficiais era contra essa inclusão e a maioria dos praças, a favor, de onde se depreende porque foi mais fácil a integração das soldados e sargentos com a tropa.*

*“... a pressão social e da mídia (...) levou à criação da Cia Fem.”*

REVISTA - Em quais aspectos a presença de policiais femininas contribuiu para a excelência do trabalho da Brigada Militar?

Cel. Jerônimo - Primeiramente, em razão do direito à igualdade, garantido constitucionalmente entre homens e mulheres. A presença da mulher provou que essa igualdade de condições demonstra que é tão capaz e profissional quanto o sexo masculino e, mercê de suas qualidades próprias, acrescentou condições de condução e discernimento na atividade policial.

REVISTA - São Paulo foi o primeiro Estado brasileiro a receber mulheres no efetivo da polícia militar, em 1955. No Rio Grande do Sul, isso só foi acontecer 30 anos depois. A que fatores o senhor atribui essa diferença de tempo entre um Estado e outro?

Cel. Jerônimo - Como já fiz referência, as condições especialíssimas da conquista do território do Rio Grande do Sul criou uma raça de guerreiros, homens orgulhosos de sua coragem, conscientes de que a bravura era condição imprescindível para a manutenção não só da terra, mas também de valores morais e éticos, visíveis por atitudes e mantidos por tradição. A Brigada Militar sempre foi orgulhosa de ser herdeira desses valores e tradições e, assim, seria a instituição policial militar que levaria mais tempo a assimilar a incorporação de mulheres. Fenômeno que não demonstra simples atraso de tempo, mas de processo mais lento, que lhe permitiu a interação da atualidade.

REVISTA - Na BM, somente 25

anos após a formatura da primeira turma de oficiais femininas, quatro policiais foram promovidas a tenentes-coronéis, em 2011. Essa progressão na carreira não levou muito tempo, uma vez que, em 2003, Rondônia já possuía mulheres no posto de coronel, sendo que uma delas foi comandante-geral da polícia militar?

Cel. Jerônimo - As razões para o processo de promoção das mulheres

“... a presença da policial significava uma nova era institucional e um novo valor da Corporação.”

são próprias e merecem um estudo acurado, o que não farei aqui, por isso a comparação com Rondônia não é própria e não permite uma visão mais técnica do processo. Assim, não posso estabelecer comparações com outra PM, mas quanto à Brigada Militar, para início de estudo, aponto os seguintes fatores:

1) As 1ª, 2ª e 3ª Companhias de Polícia Militar Feminina foram criadas com um quadro específico de oficiais,

não inclusas na carreira geral do oficial. Isso atendia o interesse masculino, na época, pois em quadro separado e com três Companhias o posto máximo era o de capitão e assegurava-se o afastamento das mulheres dos quadros de comando.

2) Os cursos de formação de oficiais viveram vários momentos. O primeiro, chamado de Habilitação de Oficial Feminino, com duração de um ano e meio, afastava-as, definitivamente, da formação do oficial masculino. A seguir, nos dois próximos cursos, com vagas definidas, com vistas às Companhias, foram incluídas no mesmo regime do CFO (não lembro os anos em que tal aconteceu).

3) O terceiro momento foi o de simplesmente sustar o concurso para oficiais femininas.

4) A inclusão das oficiais femininas no quadro geral durante o governo Collares e consequente concurso de carreira foi o quarto passo, mas mantendo-se a impossibilidade de acesso à formação de oficiais.

5) A mudança definitiva ocorreu no comando do coronel Dilamar, governo Britto, quando, por nova legislação, o Estado passou a exigir o bacharelado em Direito para concurso à carreira de oficial e, nesse momento, por cumprimento dos dispositivos legais, as mulheres passaram a participar das seleções a cada novo curso.

6) Não podemos esquecer que, até hoje, existem processos jurídicos que discutem a colocação das oficiais femininas no quadro geral.

Percebe-se, nessa simples listagem, que o processo é muito mais complexo e vai além de comparações diretas.